

se ficou chamando o «fontismo», marca o limite máximo até onde pode ir a classe que fez a revolução de 1820-1834. Todo o período compreendido entre 1851 e 1891 corresponde ao ascenso económico e político dos homens que haviam triunfado definitivamente em Almostrim e Aceiseira, e que criam ardentemente no progresso material e moral da nacionalidade, porque julgavam inexgotável a cornucópia do lucrativismo. Mas a partir de 1891 essa confiança no futuro começa a desvanecer-se; as primeiras nuvens precursoras da tempestade final todam o horizonte; a crise económica instala-se no país como em casa sua, e como ela e após ela, muitas ilusões se desvanecem e perdem. O Realismo nascido com a célebre questão de Coimbra em 1865 corresponde, pelo nascimento, ao período mais próspero da nova classe triunfante, e pela maturação, ao período em que as primeiras dissonâncias surgem, de que é um eco bem significativo certa forma de literatura realista, (certo aspecto «demolidor»), e também, como veremos, a sua historiografia.

Com o realismo a historiografia toma uma nova forma, embora mantenha muitas das características do período romântico-liberal, pois enquanto esta é profundamente confiante no futuro, aquela descrê nas possibilidades que êsse futuro possa oferecer aos detentores do poder, e por isso mesmo apelidada como *demolidora*. Se o romantismo foi o liberalismo na arte, o realismo foi certamente a democracia: assim como o liberalismo está entre nós estreitamente ligado ao Romantismo, assim o realismo nos aparece ligado a uma concepção democrática da vida nacional. Mas não é essa concepção puramente democrática a nota dominante; há uma crítica fustigante, impiedosa, que procura novas formas de vida social, e profundamente aborrece o mundo em que vive. «Vimos donde vós estais, vamos para onde vós não estiverdes» dizia aos bons burgueses e pacíficos leitores das Farpas Eça de Queiroz, e nesta exclamação se definia a posição tomada por muitos dos valores mais representativos desta época, que com as célebres conferências do Casino em 1871, alvorçaram a opinião pública e inquietaram os governantes. Não é por acaso que os três maiores expoentes do realismo são três grandes democratas e três grandes críticos da vida nacional: Antero, Eça e Oliveira Martins estão estreitamente

ligados á política do seu tempo, sobretudo Antero e Oliveira Martins, pois foram quem, com Gneco, Fontana e outros, fundaram em Portugal o partido socialista. No realismo é sem dúvida Oliveira Martins o mais alto representante da historiografia, não porque fôsse um investigador como Herculano, que teve de carrear todos os materiais para a sua obra, mas sim pela interpretação que dá á evolução histórica da nacionalidade, pela intensidade dramática que imprime ás suas próprias concepções, procurando em cada quadro, em cada figura representativa duma época, sacar pela crítica ou pelo exemplo uma lição para os homens do seu tempo. Como logo lhe fez notar Antero numa carta, a História de Portugal não foi compreendida, mas somente admirada como obra de arte. Mas é sobretudo no Portugal Contemporâneo que esta incompreensão se torna mais evidente, por aí ser mais impiedosa a crítica e se derrubarem iconoclasticamente velhos ídolos por todos mais ou menos venerados. Ainda hoje esta posição tomada por Martins, a muitos parece incompreensível, e nela nada mais querem ver do que uma furiosa vontade de criticar, um hiper-criticismo, como lhe chamaram, se não estamos em êrro, os srs. Fidelino de Figueiredo e António Sérgio, quando a verdade é que Oliveira Martins como Herculano, sintetizou nas páginas admiráveis da sua História todo o seu pensamento de político e de filósofo. Antero dizia-lhe a propósito da História: «Aproveitará a alguém a leitura?»

E' duvidoso porque o seu ponto de vista crítico pode dizer-se por ora inacessível. «E' aqui que os nossos críticos hodiernos tropeçam; é nesta descrença de Martins nas virtudes do liberalismo, tal como êle se compreendia no seu tempo, que os leva a considerar a História de Portugal» pessimista, e de resultados funestos a sua leitura».

Nós, porque defendemos as posições enérgicas, cremos que é exactamente êsse o seu mérito: o de não deixar ilusões sobre certas panaceias ou curas de panos quentes. A historiografia toma com Oliveira Martins uma certa feição materialista, que não é, como alguns querem, o chamado materialismo histórico, que requiere uma crítica muito segura, e profundas investigações sobre certas determinantes económicas, trabalho por realizar ainda entre nós.

Oliveira Martins marca sem dúvida uma etapa mais na evolução da nossa historio-